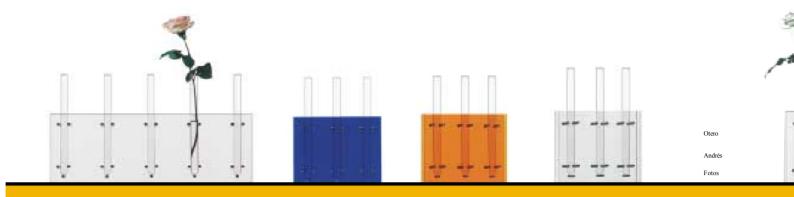


DESIGN BRASIL

Maria Helena Estrada

2000+1

20 ARC DESIGN Na pa das d pés e Ferna da sé rial p

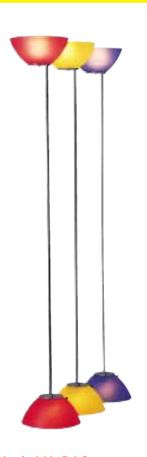


Abaixo e no alto das duas páginas, peças em acrílico de Luiz Pedrazzi (SP): vasos diversos e carrinho disponíveis em várias cores.

Na página ao lado, luminária Mallet, do designer Fábio D'Elia (SP). Chapas únicas dão uniformidade às transparências. Em acrílico termo-moldado vermelho, tem 50 cm de altura e 25 cm de largura



Acima, luminárias Dois Pontos, design Valter Bahcivanji (SP). Em diversas cores, têm 1,80 m de altura, cúpula e base em polipropileno, haste e acabamentos em aço inox. São dois pontos de luz, um em cada cúpula



Apes
nossa
lidada
outro
publia
Noss
ce; é
do de
clarai

cupa

va), p Por c "gran

razão

seção front

refer

22 ARC DESIGN Os limites são, muitas vezes, permeáveis, mas algumas certezas existem. Assim, tendo surgido a partir da expressão "industrial design", o design nasceu (é óbvio) com a indústria. O que nos informa, por definição, que objetos pré-industriais podem ser lindos, perfeitos, criações maravilhosas, mas não se incluem na categoria design, por mais que certos "curadores" amem os cocares indígenas!

Mas tempos de liberdade são tempos de fronteiras contaminadas. Assim, tornaram-se tênues os limites entre a arte e o design contemporâneos, principalmente nas décadas de 1970 e 1980 e, hoje, em países nos quais a indústria ainda não absorve o trabalho do

designer. Mas sobrevive uma definição clara: o design se refere a objetos utilitários, passíveis de serialização e, de preferência, inovadores.

É desses objetos que iremos falar. Produtos ligados ao habitar, sejam eles o resultado ou não de um processo industrial; produtos em madeira, papel, plástico, fibras, metal, vidro: sem preconceitos. Nós, da redação, defendemos os materiais plásticos por serem aqueles de nossa época, pela capacidade que oferecem de criar novas formas e novas funções, de atenderem a uma demanda global, de criar uma nova linguagem para utensílios tradicionais. Mas não rejeitamos a madeira, nem poderíamos, por uma questão de coerência com o país em que vivemos. Continuaremos, no entanto, a criticar a estética do desperdicio, resultado da ignorância em relação à natureza

Abaixo sousplat (imbuia) e vaso (jacarandá) do designer Pedro Emílio Petry (Joinville, SC), cujo trabalho aproveita e valoriza as imperfeições da madeira. Tábua de marchetaria, no centro, design Ricardo Salem (Trancoso, BA)



Acima, mesa Alma, design Rita Venturin (DF), 45 x 99 cm, feita com madeiras de resíduos florestal e industrial.

À esquerda, protótipo da estante giratória "SSS": base e estrutura em aço inox, prateleiras em chapa de fibra de madeira curvada, design Guinter Parschalk (SP) para a Arredamento



Acima, escrivaninha Zig, de Arthur de Mattos Casas (SP), com 1,60 m ou 1,80 m de largura por 80 cm de profundidade. Em ipê escurecido, possui duas gavetas e uma abertura em couro no tampo. Pés em ferro oxidado







Otero

Andrés

esquerda:

Fotos



Acima, design Lars Diederichsen e Fabíola Bergamo (SP); luminárias das linhas Vênus (esquerda), Saturno (centro), ambas em alumínio repuxado, podem ser nas cores branca, preta, prata ou na versão alumínio natural escovado. Na linha Saturno, o disco de acrílico está disponível em diversas cores. À direita, luminária de chão, também da linha Vênus. Abaixo, móveis da linha Net, desenvolvida pela equipe de design Tok & Stok (SP) para quarto de adolescentes. Espécie de "estacão de estudo" em MDF e aco, atende às necessidades de organização dos equipamentos e acessórios da "geração web". Os rodízios facilitam a mudança de configuração dos diversos itens (cama, rack e gaveteiro)

e potencialidades do material com o qual se trabalha; no caso, a madeira. Inúmeros países ou designers, como os escandinavos, desenvolveram técnicas de uso parcimonioso da madeira: por que não utilizá-la, no Brasil, de forma mais inteligente e adequada a tempos (atuais e futuros) de escassez de matéria-prima e de excesso de lixo no planeta? Não é por acaso que enfatizamos a necessidade do preparo profissional para que o designer possa enfrentar o desafio do projeto industrial. O desenho industrial destinado à produção em larga escala é a realidade do mundo globalizado. Por outro lado, quanto mais globalizada e homogênea se torna a produção, mais cresce, em cada país, em cada comunidade, a vontade de personalizar, regionalizar. No Brasil, na França, na Inglaterra e em diversos países, luminárias e pequenos objetos de produção semi-artesanal, usando materiais locais, têm um público fiel. O difícil, em nosso país, é encontrar fornecedores que ofereçam qualidade e, principalmente, resolver a equação qualidade x preço.

No entanto, mesmo com todas as dificuldades, nestes últimos dez anos uma primeira geração de designers tornou-se conhecida, ganhou espaço na mídia e estimulou a abertura de canais de distribuição - principalmente em São Paulo - e de lojas espalhadas por todas as capitais e grandes cidades do Brasil. Os objetos "de design" já têm um mercado garantido.

Fernando e Humberto Campana são, sem dúvida, os pioneiros, e os únicos que já conseguiram sucesso e reconhecimento internacional. Mas um número cada vez maior de profissionais já está "vivendo do design".

Quando falamos nos irmãos Campana estamos abrangendo uma vertente específica do design, ou seja, a transposição de uso de materiais ou produtos industriais, criando objetos semi-artesanais, produzidos em pequenas séries. Seja em virtude do sucesso que esses designers alcançaram, seja em razão das dificuldades existentes de inserção do designer na indústria, esta forma de criação tornou-se uma "escola" de muitos seguidores, podendo ser considerada, hoje, uma das tantas "identidades brasileiras": um universo lúdico, de leitura imediata, impregnado de uma bela e poética ingenuidade, e que foi talvez um dos elementos que primeiro despertou a atenção do público internacional.

Outras formas de atuação do designer começam também a ganhar corpo e significado no Brasil, e a primeira delas diz respeito ao projeto para a indústria, de liquidificado-

> res a equipamentos urbanos. No que diz respeito à indústria do mobiliário, uma nova realidade está tomando forma junto aos diversos pólos moveleiros que utilizam o MDF, com a contratação de designers que, aos poucos - depois de provarem que podem gerar lucro às empresas - vão conseguindo implantar critérios estéticos contemporâneos.

Mas estes já são temas da próxima edição.

ONDE Ferna Campa Camil Bened Rodrig

Pedro Etel In Arthu Novo 1 Fabíola Lunart Terra I Carla

Tok &

Tetê K

Rita V